



Educação Domiciliar no Estado de Santa Catarina: um perfil das famílias educadoras

Home Education in the State of Santa Catarina: a profile of educating families

Mirella Teresinha Corrêa de Abreu¹
Marcelo Queiroz Schmidt²

RESUMO

Este artigo é o resultado de uma parte da investigação acadêmica que explorou o contexto de ensino e aprendizagem de um grupo de famílias educadoras praticantes de Educação Domiciliar no estado de Santa Catarina no ano de 2022. Nos limitaremos neste documento a apresentar o perfil das famílias e dos principais tutores que conduzem o processo de ensino no ambiente doméstico. O tipo de pesquisa adotado neste trabalho foi de abordagem quantitativa e a técnica utilizada foi a pesquisa bibliográfica e de campo. A coleta de dados realizou-se por meio da aplicação de questionário estruturado fechado, dando sequência à análise e interpretação dos resultados. A partir da análise do perfil dos envolvidos na pesquisa pretendeu-se apresentar um perfil do público alvo contemplado na pesquisa buscando elementos que permitam conhecer a realidade investigada, determinando o sexo, faixa etária dos tutores e dos aprendentes atendidos, grau de escolaridade, histórico de formação educacional, religião renda mensal, investimento pedagógico e os motivos que os fizeram optar pela modalidade.

Palavras chaves: Perfil. Famílias educadoras. Educação Domiciliar.

ABSTRACT

This article is the result of a part of the academic investigation that explored the context of teaching and learning of a group of educator families practicing Home Education in the state of Santa Catarina in the year 2022. We will limit ourselves in this document to presenting the profile of the families and of the main tutors who lead the teaching process in the home environment. The type of research adopted in this work was a quantitative approach and the technique used was bibliographical and field research. Data collection was carried out through the application of a closed structured questionnaire, continuing the analysis and interpretation of the results. From the analysis of the profile of those involved in the research, it was intended to present a profile of the target audience contemplated in the research, seeking elements that allow to know the investigated reality, determined by gender, age group, education level, educational background, religion, monthly income, pedagogical investment and the reasons that made them choose the modality.

Keywords: Profile. Educating families. Homeschooling.

INFORMAÇÕES

Histórico do Artigo:

Submetido: 29/03/2023

Aprovado: 05/04/2023

Publicação: 08/04/2023



¹ Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Tecnológica Intercontinental. Professora da Rede Municipal de Itapema-SC. profmirellasc@gmail.com

² Doutorando em Ciências da Educação pela Universidad Tecnológica Intercontinental. Professor do Instituto Federal do Espírito Santo. mqschmidt@gmail.com.

1. Introdução

O termo " educação doméstica " originou -se do termo inglês "homeschooling" e refere-se à instrução especializada dada às crianças por seus pais ou outros adultos em um ambiente doméstico. É uma expressão original e característica em vários países onde o direito à liberdade de educação para os filhos é protegido por lei.

A prática no país, remonta ao Período Imperial onde era chamada de preceptoria, caracterizada pelo acompanhamento e orientação educacional de uma criança ou adolescente. O preceptor atuava com um tutor, tendo sob sua responsabilidade instruir e ensinar, principalmente, os filhos dos nobres e de famílias que pudessem dispor de tal privilégio.

A proposta organizada surge em um movimento de reforma educacional realizado na década de 70, do século passado, nos Estados Unidos, pelo professor e escritor norte-americano, John Holt. A crítica de Holt ao sistema educacional americano concentrava-se na formalidade do espaço escolar, no relacionamento pouco afetivo entre professores e alunos e a falta de experiências que estimulassem a criatividade.

O presente documento resgata a temática sob uma ótima contemporânea e, apesar de limitar-se ao estudo direcionado ao estado de Santa Catarina, considera-se relevante apresentar dados a nível nacional que esclarecem, em números, o efetivo de famílias que aderem a modalidade.

A ANED (Associação Nacional de Educação Domiciliar) estima que, no ano de 2022, aproximadamente 35.000 mil famílias são praticantes da Educação Domiciliar, isso corresponde a 70.000 estudantes de 7 a 14 anos.

Entre os anos de 2011 a 2018, a adesão à modalidade cresceu 2.000%, sendo que, estima-se que o crescimento é de 55% ao ano e está presente em 27 estados brasileiros.

Primordialmente, as famílias educadoras buscam por um ensino personalizado, que atenda seus anseios educacionais, éticos e morais e que se encaixe na opção profissional dos pais, no caso de profissionais que dependem de mobilidade geográfica, como artistas de circo, ciganos, motoristas, missionários, profissionais embarcados, por exemplo. Há ainda o caso de alunos que, por necessidade, precisam ausentar-se da escola por um determinado período, como

crianças que precisam se submeter a quimioterapias prolongadas, tratamentos que exigem o mínimo de contato externo, mobilidade reduzida, entre outras situações.

Algumas famílias buscam por maior flexibilidade, deixando de ter suas rotinas controladas pela escola e facilitando a otimização do tempo. Outro ponto relevante é o benefício da educação personalizada, de um trabalho otimizado e de alta qualidade o que, por vezes, torna-se extremamente complexo nos moldes da escola regular tradicional. Segundo Santos (2022, p.135), “o processo educativo acaba por ser materializado em uma série de habilidades e valores, que ocasionam mudanças intelectuais, emocionais e sociais no indivíduo”.

Existem desafios próprios desse processo que precisam ser constantemente revistos e adaptados a esta ação educativa própria. Entre os pontos a aperfeiçoar está a organização curricular, de forma a garantir que o acesso à informação e conhecimento de qualidade sejam preservados, bem como o constante aperfeiçoamento do processo de ensino e aprendizagem.

A partir da averiguação desse universo pouquíssimo explorado, em meio a um processo de regulamentação jurídica em nível nacional, deu-se uma investigação ousada, desafiadora, de caráter inédito, permitindo os primeiros passos de uma verificação técnica num ambiente nunca antes vinculado ao estudo de nenhuma natureza acadêmica.

De acordo com dados mais recentes obtidos pela Associação Nacional de Educação Domiciliar, no estado de Santa Catarina, cerca de 336 famílias são adeptas à essa modalidade de ensino. A pesquisa contou com a participação de 120 sujeitos, tutores atuantes no processo de direcionamento pedagógico domiciliar, entre os meses de junho e julho do ano de 2022, cujo processo de coleta de dados deu-se por meio de aplicação de questionário a partir de um conjunto de perguntas fechadas com a intenção de permitir que as informações que pudessem ser analisadas quantitativamente, garantindo anonimato do participante.

Dentro das dificuldades e desafios próprios da investigação científica, as principais limitações da pesquisa especificamente, encontraram-se na baixa quantidade de publicações brasileiras. Apesar de ser um fenômeno crescente e cada vez mais consolidado no Brasil, não há um estudo científico de grande proporção para demonstrar os resultados acadêmicos da modalidade. Por esta razão, identificar as principais características do público estudado permite vislumbrar

o potencial humano da prática e conhecer aspectos relevantes para o desenvolvimento de estratégias de aperfeiçoamento da modalidade.

2. Perfil das famílias e tutores

A pesquisa que deu origem ao presente documento teve seu desenho de investigação, de caráter não experimental, o que não permitiu a manipulação, controle ou alteração dos sujeitos, de modo que se baseou em uma interpretação ou observação para atingir o objetivo desejado. A transversalidade foi utilizada para observar e analisar um momento exato da pesquisa na realidade investigada.

Especificamente, no período em que se realizou a pesquisa, um dos principais objetivos foi o de observar, analisar, classificar e interpretar os dados coletados. Essas ações remeteram a uma pesquisa descritiva. Nesta conjuntura Gil (2008), destaca que:

As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados (GIL, 2008, p. 28).

No contexto específico do presente documento pretendeu-se apresentar um perfil do público alvo contemplado na pesquisa buscando elementos que permitam conhecer a realidade investigada, determinando o sexo, faixa etária, grau de escolaridade, histórico de formação educacional, religião, renda mensal, investimento pedagógico e os motivos que os fizeram optar pela modalidade.

Quanto aos procedimentos técnicos, caracterizou-se como uma pesquisa de levantamento de dados, pois tratou-se da realização de questionamentos diretos para um público específico, cujo comportamento pretendeu-se determinar a respeito do problema levantado. No caso do enfoque quantitativo, almejou-se obter conclusões correspondentes as variáveis levantadas, recolhendo informações de uma amostra significativa do universo pesquisado.

Ao proceder a investigação utilizando o método quantitativo, pretendeu-se chegar a uma conclusão técnica e sólida do elemento estudado, buscando utilizar amostras representativas da população, projetando seus resultados para a população total.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram os principais tutores que conduzem o processo de Educação Domiciliar no estado de Santa Catarina, totalizando 120 pessoas. As perguntas iniciais exploradas no instrumento de coleta de dados apontaram que nesse processo de prática educativa domiciliar, 84% dos tutores declaram-se do sexo feminino, em contrapartida, 16% deles são homens.

Os resultados apontam para a presença mais efetiva de mulheres nesse processo de tutoria. Neste sentido reforça Zamboni quando salienta que:

É a mãe que, geralmente, conduz as atividades no homeschooling. (...) Algumas mães procuram empregos em tempo parcial, ou com horário mais flexível. Podem, assim, dar vazão à inclinação a uma maternidade mais plena e conciliar a aspiração à vida doméstica tradicional com o status de educadora, escapando do dualismo que divide a mulher contemporânea (ZAMBONI, 2020, p.73).

A presença das mulheres na condução de processos relacionados à educação é uma característica social presente em todo o contexto nacional. Cerqueira et al. (2021, p.2) afirma que “o fortalecimento na luta pelos direitos das mulheres é um tema contemporâneo, fundamental para a redução da desigualdade”.

Especificamente, no contexto da Educação Domiciliar a participação efetiva da mãe em todos os aspectos de ensino, organização e cuidado é fator constante e essencial na estrutura própria da modalidade que valoriza o estreitamento dos laços familiares.

Por meio de um segundo questionamento, foi possível caracterizar a faixa etária do tutor. Pergunta necessária e relevante pois permitiu determinar o perfil de maturidade e experiência daquele que conduz as propostas pedagógicas. Os dados fornecidos apontaram que 7% dos tutores possuem idade entre 25 a 30 anos, o menor de todos os percentuais.

Igualmente elencados, estão os tutores com faixa etária entre 31 e 35 anos e 36 a 40 anos, ambos aparecem com 30%, destacando forte presença da tutoria nessas idades. Por fim, os dados permitem concluir que 10% dos tutores apresentam de 46 a 50 anos.

Os percentuais apontam que a tarefa de tutor acontece, principalmente, durante uma fase mais madura, em que a participação dos pais nesse processo pode acontecer de forma mais efetiva e segura. Em relação a esta participação Zamboni pondera que:

O envolvimento dos pais resulta num bom entendimento do material, no provimento de regras claras, em orientação, previsibilidade, resposta às dúvidas e o devido *feedback*, quando necessário. Melhores resultados são alcançados quando há amor e respeito e, quando a autoridade dos pais e

autonomia da criança são levadas em consideração. A criança adquire, assim, o sentido da autoridade, que não se confunde com controle ou autoritarismo, que geram alunos passivos e desinteressados (ZAMBONI, 2020, p.72).

Um processo de tutoria madura e comprometida tende a minimizar tendências de ansiedade e insegurança, promove uma prática mais equilibrada e sensível aos avanços e debilidades que podem ser encontradas no decorrer das propostas.

Em relação a faixa etária dos estudantes atendidos pela modalidade, a representação gráfica permite identificar que o público aprendente concentra-se, principalmente, entre os 2 e 10 anos de idade. Especificamente, 38% dos estudantes atendidos encontram-se entre os 2 e 5 anos de idade. A maior parte deles, porém, 47% estão entre os 6 e 10 anos de idade, enquanto 12% dos atendimentos são para crianças na faixa de 11 a 15 anos de idade. Finalizando com 3% dos aprendentes atendidos pela modalidade que possuem mais de 16 anos. Concentrados principalmente, entre os 2 e 10 anos, encontram-se, portanto, em uma fase em que a segurança, acolhimento e afetividade são fatores determinantes no processo de amadurecimento. Sobre a afetividade, Wallon expressa sua importância para o desenvolvimento humano, e afirma que essa se faz presente em todos os estágios. “Os domínios funcionais entre os quais se dividirão o estudo das etapas que a criança percorre serão, portanto, os da afetividade, do ato motor, do conhecimento e da pessoa”. (Wallon, 1995, p. 131 e 135)”.

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais suscetível de desenvolvimento e de novidade (WALLON, 2007, p. 198).

Em sua teoria, Wallon confere à criança um ser completo, rejeita a ideia de projeção um “vir a ser” ou “adulto miniatura”, deixa claro que é contra a fragmentação. Ele atribui à criança um estatuto de pessoa que deve ser compreendida nos estágios evolutivos no qual se encontra. Essa posição walloniana nos leva a refletir a respeito da continuidade que é possível manter num processo de Educação Domiciliar, sem divisão por anos, o aprendente tem a oportunidade de uma evolução suave e gradativa, num ambiente afetivo e seguro, assumindo uma base teórica metodológica que respeita a criança como sujeito de direitos em sua integralidade.

Os dados coletados permitiram visualizar também o percentual do grau de escolaridade dos principais tutores no processo de ensino da modalidade. No estado

de Santa Catarina, 4 % dos tutores têm o Ensino Fundamental completo, 27% deles, o Ensino Médio Completo, 45% concluíram o curso de Graduação e 24% possuem Pós-graduação.

Trata-se de um importante dado a analisar pois, de acordo com o Projeto de lei 586/2022, que propõe uma alteração no entendimento na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), para admitir o Ensino Domiciliar na Educação Básica, uma das exigências para a prática da modalidade é a comprovação de nível superior de um dos responsáveis pela educação do aprendente.

Para se adequarem às exigências do Projeto de lei, uma fatia de 31% dos tutores terá que avançar no nível de escolaridade, garantindo o preenchimento dos critérios necessários.

Para entender as razões pelas quais as famílias educadoras fazem a opção pela Educação Domiciliar, foi preciso levar em consideração o histórico de formação estudantil dos pais. Ao traçar o perfil das famílias, optou-se por questioná-las se os pais ou tutores frequentaram o ensino regular ou tiveram seu processo de formação intelectual por meio da Educação Domiciliar.

Nesse aspecto, a ampla maioria, 99% revela ter frequentado algum estabelecimento de ensino regular, enquanto apenas 1% deles teve sua formação dentro da modalidade da Educação Domiciliar.

Como já mencionado, existe, por parte das famílias educadoras, uma preocupação quanto a qualidade de ensino ofertada, além de outras questões envolvendo violência escolar. Sobre tal inquietação, Monk (apud Barbosa, 2013, p.124) salienta que “[...] a percepção dos pais de que a escola falha em prover uma educação “eficiente” para seus filhos é o que explica o advento do ensino em casa, transferindo o foco para as necessidades individuais da criança.”

Análise de dados permitiram conhecer os motivos que os levaram a fazer a opção pela modalidade, e, de maneira geral admitiram visualizar uma insatisfação com o ensino regular, já que grande parte das famílias optou por não a ofertar, apesar de conhecê-la.

Identificamos ainda, por meio do instrumento de coleta de dados que a maioria, 82% das famílias declaram-se católicas, 12 % são protestantes, 1% são espíritas e o restante, 5% declaram-se de cultos variados, incluindo testemunhas de Jeová, estudantes da palavra, ou apenas identificando-se como cristão.

Apesar de ser um dado importante, a religião por si só, não é a grande responsável pela opção das famílias pela modalidade, pelo menos de acordo com Lima que contribui citando que:

(...) educar os filhos em casa é possível, funciona e que a educação personalizada pode gerar resultados inalcançáveis em outros ambientes. Estão descobrindo ainda que o grande motivador por trás do crescimento do Ensino Domiciliar no mundo não é um suposto desejo religioso de isolar os filhos da sociedade, mas sim as facilidades oferecidas pelas novas tecnologias de aprendizagem, pois elas funcionam e muito bem (LIMA, 2020, p.19).

Considerando a influência da religiosidade entre os optantes pela modalidade de Educação Domiciliar no estado de Santa Catarina, acreditamos ser relevante determinar a religião dos pais e identificar as principais correntes que estão presentes entre as famílias educadoras e assim traçar um perfil completo.

Para contribuir com a construção de um perfil econômico do público alvo, optou-se por apresentar uma questão no instrumento de coleta de dados que contemplasse a renda média das famílias educadoras e pudesse nos trazer um indicador econômico. Baseada em valores do salário mínimo nacional vigente no ano de 2022 (1.212,00 reais), as famílias tiveram a oportunidade de apontar a quantidade de salários mínimos que mais se adequava às suas rendas mensais.

Constatou-se que 25% das famílias possuem renda média mensal de 1 a 3 salários mínimos, 40% delas apontam uma renda mensal de 3 a 5 salários mínimos, 23% declaram possuir renda de 5 a 10 salários mínimos e finalmente, 12% das famílias declaram ter mais de 10 salários mínimos como renda mensal.

Considerando a natureza dos rendimentos, faixa de renda, ocupação e nível de escolaridade, pode-se concluir que, em sua grande maioria, as famílias possuem condições de oferecer uma estrutura favorável ao que se propõe. Por outro lado, os dados apontam para a desmistificação de “rótulos” que acompanham os adeptos da Educação Domiciliar, como por exemplo, o fato de comporem uma “elite social” ou estarem cercados de privilégios.

Corroborando com a informação, a pergunta seguinte, ainda dentro do viés econômico, completa um importante parâmetro em relação ao aspecto socioeconômico, tratando especificamente dos gastos mensais exclusivos da modalidade educativa.

A esse respeito, identificou-se que 40% das famílias possuem despesas no valor de até 200 reais mensais e 35% delas, gastam em média, de 201 a 400 reais

por mês. Um percentual menor, 15% das famílias declararam gastar de 401 a 700 reais por mês e, por fim, 10% das famílias afirmaram investir mais de 700 reais mensais nesse processo.

Considerando a renda mensal, explorada na análise anterior, e os dados presentes, nos permitiu considerar que as famílias comprometem uma importante fatia de seus rendimentos na aquisição de recursos e serviços didáticos que servem de apoio para a prática da modalidade.

Valorizar a boa qualidade e investir em recursos e serviços educacionais, é, para a maior parte das famílias educadoras, uma prioridade, já que, em função dessa escolha, reorganizam suas vidas e rotinas domésticas de forma a atender com eficiência, a função que lhes foi confiada.

Conhecer os motivos que levaram as famílias educadoras a optar pela modalidade da Educação Domiciliar foi fator fundamental para concluir a análise do perfil do público estudado. Identificar a origem do descontentamento e a insatisfação com o ensino regular permite apontar as causas que justificam tal escolha. Por esta razão, questionou-se as famílias a respeito do motivo que as levaram a fazer a opção pela proposta.

Destacaram-se, nesse cenário duas razões que preponderaram na escolha das famílias: 38% delas aponta que não se sentem confortáveis expondo seus filhos ao viés ideológico implícito no contexto educacional, seguido por 36% das famílias que entendem que o fraco desempenho dos estudantes no ensino regular é um fator relevante na sua opção pela Educação Domiciliar. Sobre esse aspecto Zamboni pondera citando que “Muitas famílias não encontram, na realidade social em que estão inseridas, uma escola que atenda às suas expectativas pedagógicas, e encontram no *homeschooling* a melhor maneira de cultivar seus valores e convicções, evitando a inculcação de ideologias indesejadas.” (Zamboni, 2020, p.45)

A prática do bullying foi um fator de descontentamento sinalizado por 9% das famílias e a indisciplina escolar é apontada como causa da insatisfação por 8% delas.

As demais famílias, contempladas pelos 9% restantes, apontam causas variadas, assim justificadas: o fato de poder oportunizar o acesso a um ensino de melhor qualidade e personalizado, focando nas potencialidades e trabalhando individualmente os pontos com necessidade de melhoria, a possibilidade de oferecer estratégias que desenvolvam o autodidatismo, o ensino customizado para

estudantes com altas habilidades, para atender ao estilo de vida próprio e a necessidade de resguardar a saúde física de crianças com baixa imunidade.

Entre esses motivos, é importante destacar que, muitas vezes a opção pela Educação Domiciliar está atrelada à condição das carreiras profissionais dos pais. Zamboni contribui com a afirmação quando cita que:

Em alguns casos, a Educação Domiciliar responde à busca de um estilo de vida mais flexível, que permita, por exemplo, que os filhos tenham mais contato com os pais que viajam com frequência, como é o caso de artistas, esportistas, vendedores, representantes comerciais, caminhoneiros, etc. (ZAMBONI, 2020, p. 49).

Algumas críticas também aparecem, principalmente relacionadas à ineficácia de alguns métodos de alfabetização propostos nas escolas, a tendência da erotização infantil e precocidade sexual.

Outros motivos ainda foram acrescentados, relacionados principalmente à segurança, questões de conveniência e saúde e influência de parentes e amigos que realizam com sucesso a modalidade da Educação Domiciliar.

Os dados apresentados permitiram traçar um perfil completo do público alvo envolvido na pesquisa, apresentou dados econômicos, educacionais e sociais e indicou, objetivamente, as principais características de tutores e aprendentes

3. Considerações Finais

Considerando a expansão e consolidação da modalidade da Educação Domiciliar no estado de Santa Catarina, tornou-se relevante socialmente e academicamente, investigar os fatores que contribuem para o crescimento das famílias adeptas a este tipo de ensino.

Ao determinar o perfil dos envolvidos tem-se a oportunidade de analisar com proximidade, as características de determinado grupo e o contexto em que estão inseridos.

Nesta parte importante da pesquisa foi possível produzir dados que apontaram para a presença marcante das mulheres no processo de tutoria da modalidade, a formação dos tutores e a média de idade. Sugerindo que, grande parte deles apresenta uma idade madura com um nível de formação que os garante dominar os componentes curriculares que desenvolvem em seu processo de tutoria.

Destaca-se ainda que ao explorar a renda média mensal das famílias e as despesas que envolvem o suporte para a prática da modalidade, sinalizaram a

importância e prioridade de investimentos educativos para aquisição e manutenção de materiais e recursos aplicados no processo de tutoria.

Por fim, entender as principais razões que levaram as famílias a optar pela modalidade, foi extremamente relevante pois apontou para uma série de motivos que englobam o descontentamento com a qualidade de ensino oferecido pelo Estado, o viés ideológico implícito nas correntes pedagógicas aplicadas, a necessidade de mobilidade geográfica, o estreitamento do vínculo familiar, a valorização do ensino customizado, a liberdade na rotina de estudos, uma necessidade de saúde que os impeça de participar presencialmente, entre outras necessidades particulares.

Relevante destacar que a investigação da população estudada foi uma iniciativa inédita, assim como a recente discussão acalorada sobre a temática. Conclui-se ainda que, todo processo de adaptação, de implantação e regulamentação passa por desajustes iniciais, invade veredas polêmicas, é marcado por construção e desconstrução de mitos e especulações.

A formalização da modalidade do Ensino Domiciliar é recente no cenário nacional, sua natureza impacta famílias e passa por discussões coletivas, o que é saudável e necessário para o avanço e amadurecimento da causa. O conhecimento acerca da modalidade torna-se uma necessidade pública a medida em que pode, em algum momento, fazer parte das rotinas das famílias, visto que nem sempre a adesão à prática é uma opção, podendo ser uma necessidade, dependendo das condições familiares.

O caminho para a evolução e entendimento, tanto na esfera educacional quanto na social, passa por um relacionamento de cooperação e parceria entre o ensino regular e o domiciliar. Compreender que, quando as duas modalidades constroem uma relação de colaboração, ambas se fortalecem.

A visão dualista e de embate enfraquece e desmerece as duas modalidades, nesse contexto saem perdendo as famílias, a escola e a sociedade.

A colisão entre apoiadores e defensores aumentam as dificuldades de se debater o tema de forma ampla e democrática, visto que as informações sólidas e de caráter científico sobre a Educação Domiciliar ainda não estão disseminadas entre a população e, no campo das especulações, geram desconfianças sobre sua seriedade e eficácia enquanto modalidade educacional.

O debate a respeito da educação no Brasil sempre foi relevante e amplo, dado o papel que ela representa e as esperanças e paixões que desperta quando se discute o futuro nacional. Nesse caminho, a Educação Domiciliar não está isenta de merecer ser discutida, mesmo para um grupo menor de brasileiros que veem nessa modalidade educacional um papel libertador e nela imbuem esperanças e paixões políticas próprias, lutando por sua legalização e democratização.

A esfera acadêmica, que, mesmo caracterizada pela imparcialidade, coopera na discussão de fatos e formação de opiniões, deve assumir, efetivamente, o compromisso de colaborar com a construção de parcerias e ajuda mútua no âmbito educacional, independente da modalidade, tornando-se coadjuvante nesse processo de amadurecimento cooperativo.

O resultado pode abrir precedentes para pesquisadores enriquecerem as contribuições de pesquisa sob diferentes óticas e métodos, levando em consideração a problemática aplicada em um estado de referência a nível educacional no território brasileiro.

Referências

A POLÊMICA das crianças que estudam em casa. [S.l.: s.n.], 2004.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DOMICILIAR – ANED. O que é Educação Domiciliar?

BARBOSA. Eduardo F. **Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais**. 2008.

BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. **Ensino em casa no Brasil: um desafio à escola?** 2013, p. 351. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Comissão de Legislação Participativa. **Educação domiciliar**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de lei 586/2022. **Autoriza os Estados e o Distrito Federal a legislar sobre diretrizes e bases da educação domiciliar (homeschooling), nos termos do parágrafo único do art. 22 da Constituição Federal de 1988**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação/SETEC/SEED. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=75061>,

CARDOSO, Nardejane Martins. **O direito a optar pela educação domiciliar no Brasil**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2018.

CERQUEIRA, Paulete Constantino; PONTES, Edel Alexandre Silva; DE MELO, Beatriz Medeiros. A mulher no mundo do trabalho: a escolha do curso “masculino” e a inserção no estágio. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 13, p. e209101321046-e209101321046, 2021.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

LIMA, Jonatas Dias. **É a tecnologia – e não a religião – o que está impulsionando o ensino domiciliar**. Gazeta do povo. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/e-a-tecnologia-e-nao-a-religiao-o-que-esta-impulsionando-o-ensino-domiciliar/>

HOLT, John. **Homeschooling lets a child’s mind grow**. USA Today, 02 dez. 1983.

HOLT, J., & Farenga, P. (2003). **Teach your own** – The John Holt book of homeschooling. Cambridge, USA: Perseus Publishing.

ILLICH, Ivan. **Por que devemos desinstalar a escola**. In I. Illich, *Sociedade sem escolas*. Petrópolis, Vozes, 1973.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**: trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, Vozes, 1985.

PRASER, Ana Luísa. Educação Domiciliar cresce 2.000% em oito anos no Brasil. **Radio Agência Nacional**, Brasília, 31/03/2019.

Disponível em: <http://radioagencianacional.ebc.com.br/educacao/audio/2019-03/educacao-domiciliar-cresce-2000-no-brasil-em-8-anos>. Acesso em 25 fev. 2023.

RIVERO, Lisa. **The Homeschooling Option**: how to decide when It's right for your family. New York: Palgrave MacMillan, 2008.

SANTOS, Antonio Fernando et al. Influência Social: A participação da família na aprendizagem dos filhos. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 3, p. 132-152, 2022.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa, Edições 70, 1995.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, H. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**/Izabel Galvão. - Petrópolis, RJ; Vozes, 1995. –P.31,32 (Educação e conhecimento).

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laila. **A competência sempre envolve conhecimentos inter-relacionados a habilidades e atitudes**. In: ZABALA, Antoni; ARNAU, Laila. Como aprender e ensinar competências. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 45-53.

ZAMBONI, Fausto. **A opção pelo Homeschooling: guia fácil para entender por que a educação domiciliar se tornou uma necessidade urgente em nossa época**. Editora Kirion. Campinas SP, 2020.